

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

Possessivos de terceira pessoa: usos em correspondências do século XIX, questões teóricas e prescrições gramaticais

Possessive third person: uses in correspondence of the nineteenth century, theoretical issues and grammatical prescriptions

Emília Helena Portella Monteiro de Souza¹
Noemi Pereira de Santana²

RESUMO:

Este artigo apresenta um estudo sobre a variação nos usos dos possessivos de terceira pessoa – *seu* e *dele* – e suas flexões, a partir de um *corpus* constituído de um conjunto de correspondências manuscritas por professores primários da Bahia, entre os anos 50 e 80 do século XIX. Apresenta-se o histórico desses possessivos de terceira pessoa, verifica-se qual tratamento é dado a esses pronomes por gramáticas do século XIX e demonstra-se o quadro desses possessivos de terceira pessoa no *corpus*, considerando-se algumas variáveis. Constata-se que os usos variáveis dos possessivos *seu* e *dele* não se registravam nas gramáticas da época, mas estavam presentes nas correspondências dos professores.

Palavras-chave: Possessivos de terceira pessoa; *Corpus* do século XIX; Gramáticas do século XIX.

ABSTRACT:

This article presents a study of the variation in the use of third-person possessive, *seu* and *dele* and their inflections from a *corpus* composed of letters handwritten by primary teachers of Bahia between the 1850s and 1880s. It presents the history of the third person possessive and the treatment given to these pronouns by grammar books of the nineteenth century. In addition, it shows how the third person possessive is present in the *corpus* considering some variables. It was found that although the pronouns were not mentioned in the grammar books of the time, they were present in the teachers' letters.

Keywords: Possessive third person; nineteenth century *corpus*; Grammar books of the nineteenth century.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre os possessivos de terceira pessoa na Língua Portuguesa têm revelado que os usos da forma *seu* e *dele* ocorrem desde o Português Arcaico (PA). O *dele*,

¹ Emília Helena Portella Monteiro de Souza é professora do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. E-mail: emiliahelena.pm@gmail.com.

² Noemi Pereira de Santana é estudante de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. E-mail: santanoemi67@gmail.com.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

inicialmente, como elemento de reforço, passa a se constituir como uma forma com sentido pleno, apresentando-se, na contemporaneidade, categoricamente, em alguns contextos. Neste artigo, têm-se como objetivos apresentar um breve histórico dos possessivos, identificar o comportamento dessas formas em um conjunto de correspondências manuscritas por professores primários da Bahia, entre os anos 50 e 80 do século XIX, e verificar como essas formas eram tratadas nas gramáticas do mesmo período.

As discussões desenvolvidas sobre o uso desses possessivos no *corpus* levam em consideração alguns fatores sócio-históricos relativos ao século XIX. O fato de esse século se caracterizar pela institucionalização do ensino no País e, em consequência, pela institucionalização da formação do professor. E o fato de esse ser o momento da padronização linguística no Brasil e de gramáticas passarem a ser escritas por professores brasileiros, embora seguindo o modelo das gramáticas lusitanas. A importância desses fatores evidencia-se quando se considera ser o *corpus* correspondências de professores dirigidas à Diretoria da Instrução Pública da Província da Bahia.

Este artigo está dividido em quatro partes. Na primeira, apresentam-se estudos sobre a trajetória dos possessivos de terceira pessoa na Língua Portuguesa. Na segunda parte, expõem-se reflexões sobre a variação dos possessivos de terceira pessoa no português brasileiro, atentando-se para seus usos. Demonstra-se, na terceira parte, o que caracteriza os possessivos. Na quarta parte, estão as concepções acerca dos possessivos nas gramáticas do século XIX; e, ao final, apresenta-se a análise dos possessivos de terceira pessoa identificados nas correspondências dos professores.

1. ESTUDOS SOBRE A TRAJETÓRIA DOS POSSESSIVOS DE TERCEIRA PESSOA NA LÍNGUA PORTUGUESA

O paradigma pronominal da Língua Portuguesa passou por alterações ao longo da sua história. Conforme Penna (2002), no latim clássico, não havia, no quadro dos pronomes pessoais, uma forma específica que indicasse a terceira pessoa; o que se encontra registrado

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

nas gramáticas latinas é a indicação da forma pronominal de apenas duas pessoas: *ego*, *tu* (sg.), *nos*, *vos* (pl.).³ O *ille*, pronome demonstrativo que, no latim, funcionava tanto como sujeito quanto como complemento, terminou por servir de base, na Língua Portuguesa, para o pronome pessoal de terceira pessoa, *ele*. Ainda segundo Penna (2002), a origem demonstrativa do pronome *ele* é o que possibilita que todas as funções sintáticas de terceira pessoa sejam representadas pela mesma forma: *ele* (*ela*, *eles*, *elas*). A formação do genitivo *dele/dela* (*de* + *ele/a*) é uma consequência desse aspecto. Embora não houvesse a forma para a terceira pessoa do caso reto no quadro dos pronomes do latim clássico, havia nos casos oblíquos, e dentro desses localizam-se os possessivos (caso genitivo), conforme se observa no quadro a seguir, apresentado por Almeida (1995):

PRONOMES PESSOAIS LATINOS						
	CASOS RETOS		CASOS OBLÍQUOS			
PESSOAS	NOM.	VOC.	GEN.	DAT.	ABL.	AC.
SING.	ego	--	mei	mihi	me	me
	tu	tu	tui	tibi	te	te
	--	--	sui	sibi	se	se (ou sese)
PLUR.	nos	--	nostrum nostri	nobis	nobis	nos
	vos	vos	vestrum vestri	vobis	vobis	vos
	--	--	sui	sibi	se	se (ou sese)

Quadro 1: Pronomes pessoais latinos – casos reto e oblíquo⁴
Fonte: Almeida (1995, p.136)

No latim, como existia o sistema de casos, a ordem dos constituintes no enunciado não era fixa, pois a própria morfologia indicava a sua função. No Português Arcaico (PA), o possessivo passa a ocupar uma posição fixa, anterior ao nome. Mattos e Silva (2006, p. 110), a partir da descrição e análise de uma das versões dos *Diálogos de São Gregório* (DSG),

³ Segundo Penna (2002), a expressão pronominal de terceira pessoa foi uma inovação românica.

⁴ Napoleão Mendes de Almeida. *Gramática Latina*, p. 136.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

percebeu que o paradigma dos possessivos (caso genitivo), no PA, se constituía da seguinte forma:

POSSUIDOR	REFERÊNCIA	UM		MAIS DE UM	
		Num.	Singular	Plural	Singular
1ª pessoa	m.	Meu	Meus	Nosso	Nossos
	f.	Ma ~ mha ~ minha	Mas ~ mhas ~ minhas	Nossa	Nossas
2ª pessoa	m.	Teu	Teus	Vosso	Vossos
	f.	Ta ~ tua	Tas ~ tuas	Vossa	Vossas
3ª pessoa		Sing.		Pl.	
	m.	Seu		Seus	
	f.	Sa ~ sua		Sas ~ suas	

Quadro 2: Sistema dos possessivos no Português Arcaico⁵
Fonte: Mattos e Silva (2006, p. 10)

A referida autora afirma que já no PA, para desfazer possíveis ambiguidades ou para dar ênfase ao que se dizia, os possessivos de terceira pessoa eram usados concomitantemente com o sintagma *de + ele* e flexões⁶, conforme trechos destacados dos *Diálogos de São Gregório* (DSG, 1989, p. 177 *apud* MATTOS E SILVA, 2006, p. 111):

2.14.4 “En tempo dos godos, acaeceu que huu *seu* rei *deles* que avia nome Totila...”

2.23.15 “E hua *sa* ama *delas* que as criara vira-as cada dia sair dos seus moimentos.”

Mattos e Silva ressalta que a ambiguidade não se dava entre a terceira e a segunda pessoa, como passa a ocorrer a partir da gramaticalização do *você*, afinal para a segunda

⁵ Mattos e Silva, 2006, p. 110.

⁶ A reduplicação dos pronomes em *corpus* do PA foi objeto de estudo de Moraes de Castilho (2005), com *corpus* constituído de textos literários e não-literários, do século XIII ao século XVI.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

pessoa ainda se usava *teu* e flexões. A estratégia de desambiguação, nesse caso, se dava apenas em relação a mais de uma terceira pessoa.

Em pesquisa realizada com *corpora* representativo do PA (séculos XIII e XIV)⁷, objetivando identificar como a variante *dele* foi tomando espaço no sintagma, não mais como reforço (forma reduplicada), mas como forma plena para indicar posse, Lacerda (2010) constata que houve uma relação direta entre a implementação dessa variante, a frequência de uso do artigo definido (o/s, a/s)⁸ e a queda dos possessivos átonos de terceira pessoa ('se', 'sse, 'sa', 'ssa'). A queda dos átonos ocorreu porque as formas possessivas, quando antepostas ao nome, teriam uma função delimitadora, a mesma desempenhada pelo artigo definido.

Para identificar os usos dos possessivos de terceira pessoa entre os séculos XV e XIX, toma-se o trabalho realizado por Oliveira e Silva (1982). Em sua pesquisa, Oliveira e Silva usou como *corpora* documentos escritos nos séculos XV ao XX do Português Europeu (PE), e nos séculos XVII ao XIX, do Português Brasileiro (PB). Na tabela abaixo, registra-se a ocorrência do uso do *dele* como possessivo de terceira pessoa nos *corpora*

Tabela 1 – Frequência de uso do possessivo *dele*
em dois períodos de tempo e em dois dialetos⁹

CORPORA DIACRÔNICOS	N.º	%
Século XV a XIX (Portugal)	202/1731	11.7%
Século XVII a XIX (Brasil)	126/780	16.5%

Fonte: Oliveira e Silva (1982).

Em sua pesquisa, Oliveira e Silva (1982, p. 187-188) ressalta que nos *corpora* constituídos de textos brasileiros, do século XVII ao XIX, o traço [+humano] favorecia o uso da forma *seu*, inibindo a forma *dele*, sendo esta usada para objetos.

Para o português brasileiro contemporâneo, alguns estudos registram o comportamento das duas formas possessivas de terceira pessoa. Perini (1985) ressalta que, em

⁷ Os *corpora* utilizados por Lacerda foram, para o século XIII: *Notícia do Torto* (1214), *Foro Real* (1280), *Foros de Garvão* (1267-80), *Dos costumes de Santarém* (1299), além de textos notariais (1243-74); para o século XIV: *Crônica de Afonso X* (1344), *Dos Costumes de Santarém* (1340-60), *Foros de Garvão* (s/d), e textos notariais (1304-97).

⁸ No latim não havia artigo.

⁹ Silva, 1982, p.185.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

algumas regiões do Brasil, na linguagem coloquial, o uso da forma *dele* é categórico. Cerqueira (2008) apresenta o seguinte quadro para esses pronomes no Português Brasileiro Contemporâneo, ressaltando uma diferença entre o padrão e o coloquial:

Quadro 3: Paradigma dos pronomes possessivos no PB Contemporâneo, com a gramaticalização do *você*¹⁰

PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO		
Padrão		Coloquial
Meu(s)	Minha(s)	Meu(s)/minha(s)
Seu(s)	Sua(s)	Seu(s)/Sua(s)
Seu(s)	Sua(s)	Dele(s)
Nosso(s)	Nossa(s)	Nosso(s)/nossa(s)/da gente
Seu(s)	Sua(s)	De vocês
Seu(s)	Sua(s)	Deles

Fonte: Cerqueira (1996)

Constata-se que, no uso coloquial do Português Brasileiro Contemporâneo, é categórico o uso do sintagma preposicionado *dele* e flexões em lugar de *seu* e flexões para a terceira pessoa.

2. A VARIAÇÃO *SEU* ~ *DELE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Do ponto de vista morfossintático, há alguns aspectos relevantes para a compreensão dos possessivos de terceira pessoa no Português Brasileiro. Estudos demonstram que a variação entre a forma *seu* e flexões e a forma *dele* e flexões tem sido explicada como o encaixamento resultante da gramaticalização do *você* que, conforme alguns teóricos (VITRAL e RAMOS, 1999; SILVA, 1998), passou de pronome de tratamento (terceira pessoa) para pronome pessoal (segunda pessoa) em variação com o *tu*. A mudança instituída no paradigma dos pronomes pessoais, com a queda das formas *tu* e *vós*, intensificada no século XIX,

¹⁰ Cerqueira, 1996.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

provocou um rearranjo no uso dos pronomes possessivos, como forma de se evitar ambiguidade, já que o *seu* e flexões seria usado tanto para a segunda quanto para a terceira pessoa do singular ou do plural (PERINI, 1985; MATTOSO CÂMARA JR., 2001; CERQUEIRA, 2008).

Ao considerar o quadro dos pronomes possessivos do Português Brasileiro, afirma Perini (1985, p. 2) que “[...] há traços da estrutura da língua cujo aparecimento não se pode explicar exclusivamente em termos ‘internos’, mas que têm de ser explicados lançando-se mão de fatores extralinguísticos – neste caso, a necessidade de preencher lacunas semânticas com formas convenientes, de evitar ambiguidades e de evitar mudanças grandes na gramática”.¹¹

Ao se incorporar a forma *você/s* como segunda pessoa no quadro dos pronomes pessoais, o quadro dos possessivos respectivos na língua padrão é apresentado por Perini (1985, p. 4) da seguinte forma:

Quadro 4: Formas possessivas no português padrão

	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
(sg)	Meu	Seu	Seu
(pl)	Nosso	Seu	Seu

Fonte: Perini (1985, p.4)

Perini afirma que o fato de a forma *seu* corresponder às segundas e terceiras pessoas pode causar ambiguidade em alguns contextos, mesmo no português escrito formal.¹² Ainda segundo Perini (1985, p. 5), diferentemente do padrão exposto no quadro 4, o paradigma do Português Brasileiro coloquial apresenta um sistema composto de formas sintéticas e analíticas, conforme se observa no quadro a seguir:

Quadro 5: Formas possessivas no português coloquial

¹¹ Uma definição da língua na perspectiva da sua funcionalidade é dada por Perini (1985, p. 02), quando afirma que “a linguagem é ‘funcional’ na medida em que se estrutura de maneira a responder às necessidades ditadas por suas funções comunicativas. [...]”.

¹² Perini (1985, p. 4-5) afirma que os autores encontram “meios de manipular o contexto de modo a manter a ambiguidade sob controle”.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
(sg)	Meu	Seu	Dele
(pl)	Nosso	De vocês	Deles

Fonte: Perini (1985, p.5)

E sobre essa configuração, o autor afirma:

Esse sistema é curioso, não apenas por incluir formas sintéticas (‘pronomes possessivos’) ao lado de analíticas (*de + N*), mas também porque a concordância de gênero acaba sendo efetuada de duas maneiras diferentes. Os pronomes têm formas masculinas e femininas, que concordam com o gênero do nome núcleo da construção: *meu carro, minha bicicleta; seu carro, sua bicicleta; nosso carro, nossa bicicleta*. Agora, as formas *de + N* concordam com o possuído, e não com o núcleo da construção: *carro dele, bicicleta dele; carro dela, bicicleta dela*. [...] (PERINI, 1985, p. 6).

Azeredo (2010, p. 177) também considera os possessivos em dois subsistemas: um referente à modalidade escrita e aos registros formais (com o *seu* e *flexões* referindo-se à terceira pessoa); outro próprio da modalidade oral, em que o *seu* e *flexões* se referem ao interlocutor – *você, o senhor*. Nesse caso, para evitar ambiguidade, o falante lança mão da forma *dele* e *flexões* como possessivo de terceira pessoa.

Embora alguns estudiosos afirmem que o uso da forma *dele* é categórico no Português Brasileiro Contemporâneo (cf. CERQUEIRA, 2008; PERINI, 2010; AZEREDO, 2010), principalmente no português coloquial, observa-se ainda o uso das duas variantes. Para explicar a variação entre o *seu* e o *dele*, alguns estudos têm salientado o contexto linguístico como fator motivador para a escolha de uma ou de outra forma (MULLER, 1997; NEVES, 2002).

Conforme Muller (1997, p.120), “as formas possessivas de terceira pessoa estão se especializando segundo o eixo semântico de referencialidade.” Nesse sentido, não se pode considerar que essas formas são intercambiáveis, pois para isso precisariam manter “o mesmo

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

contexto e valor de verdade” (ver TARALLO, 1985, p.8; OLIVEIRA, 1987, p.22). A pesquisa de Muller revela que em alguns contextos, no caso do referente genérico, não há como usar o *dele*: “Em casa, cada um segue a sua religião que quer, né?” (*Em casa, cada um segue a religião *dele* que quer, né?”). De acordo com Muller (1997, p.122), “há uma relação entre o antecedente e a escolha do possessivo utilizado na sentença. Quando o antecedente é genérico, a forma favorecida é *seu*, enquanto que antecedentes específicos favorecem a forma *dele*.”

Conforme Neves (2002),

[...] a forma *dele* oferece-se, obviamente, como mais explícita do que o pronome possessivo, já que exhibe o gênero e o número do “possuidor”, fornecendo instrução mais específica para sua recuperação, ou encarecendo a informação de que o gênero e/ou o número do “possuidor” são pertinentes [...]. (NEVES, 2002, p. 159).

Por conseguinte, quanto maior a especificação, menos risco de ambiguidade.

Outro aspecto a considerar diz respeito ao fato de o *seu* ser usado preferencialmente para a segunda pessoa do discurso, ou seja, para a pessoa com quem se fala, para quem é dirigido o discurso. Isso porque, conforme já sinalizado aqui, a gramaticalização de *você* como segunda pessoa possibilitou o uso do *seu* em lugar do *teu*. De acordo com Abraçado (2000), a forma *seu* torna-se categórica, quando o referente é a segunda pessoa do singular – *você*. Com base em *corpora* do PB, a autora ressalta que, para se evitar a ambiguidade, a forma *seu* tem se especializado como possessivo das segundas pessoas, *você*, *vocês*, usando-se a forma *dele* e flexões para o caso das terceiras pessoas (*ele/s*), principalmente na língua oral.

3. OS PRONOMES POSSESSIVOS – ITENS RELACIONAIS

Os pronomes possessivos são dos elementos linguísticos um dos que possibilitam a coesão textual, por sua natureza anafórica, fazendo parte da cadeia discursiva que possibilita a construção do sentido do texto, num processo de referenciação. Conforme Koch e Elias (2009, p. 131), a referenciação é uma atividade discursiva. Isso porque a atividade de

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

linguagem pressupõe que se faça referência a algo ou alguém; que se mantenha o foco nesse referente (algo ou alguém), utilizando-se de operação de retomada (por elementos anafóricos); ou que se deixe o referente já introduzido em *stand by*, a fim de que outros referentes sejam introduzidos. Essas estratégias são as que possibilitam que sejam construídos os “objetos-de-discurso” e que estes sejam mantidos ou desfocalizados. Os pronomes possessivos seriam constituintes desse processo, já que, conforme Koch, “[...] entre os recursos capazes de criar a coesão referencial, estão os elementos de ordem gramatical, como os pronomes de terceira pessoa (retos e oblíquos), os demais pronomes (possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos, relativos), os numerais, o artigo definido e alguns advérbios locativos, como *lá, aí, ali*” (KOCH, 2004, p. 36).

Conforme Neves (2002, p. 152), a relação denominada de *possessiva*, no caso de *meu livro*, por exemplo, constitui uma relação bipessoal ao relacionar duas pessoas: o possessivo de primeira pessoa *meu* a uma terceira pessoa *livro*.

Conclui-se, desse modo, que o *dele*, utilizado como recurso de clareza na linguagem, tanto em textos orais quanto em produções escritas, no Português Arcaico era usado como reforço (com reduplicação), no sentido de desambiguar as terceiras pessoas mencionadas no enunciado. No século XIX, a forma *dele* passa a ser utilizada num sentido pleno, para estabelecer relação entre possuidor e possuído, embora não se descartem usos reduplicados, haja vista o que diz Ernesto Carneiro Ribeiro (1881), ressaltando que ainda que fossem usados pelos clássicos, esses deveriam ser evitados, conforme se verá mais adiante. Há também registros desses usos, com variações, no Português Brasileiro Contemporâneo, conforme estudos de Neves (2000, p. 474). Sobre as possíveis relações que o possessivo estabelece, seguem-se algumas reflexões a respeito.

Uma das questões que perpassam os estudos dos possessivos diz respeito a um aspecto semântico que é sua definição. Em geral, considera-se que o possessivo é um pronome que estabelece uma relação de posse entre um possuidor e um possuído¹³, sendo que

¹³ Mattos e Silva (1989) considera que o pronome possessivo é “[...] um dos determinantes actualizadores do nome no sintagma. Essa actualização expressa uma relação de posse estabelecida pelos possessivos entre o nome

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

o “possuído” é sempre uma terceira pessoa gramatical. Linguistas têm chamado a atenção para o fato de que posse seria apenas uma das relações estabelecidas pelos possessivos, existindo, portanto, outras conforme os diversos contextos de ocorrência. Vejam-se algumas considerações a seguir.

Neves (2002, p. 149) afirma que, embora tradicionalmente os possessivos sejam conceituados como “elementos que indicam relação de posse entre um ‘possuidor’ e um ‘possuído’, [...] só num sentido muito amplo se [pode] considerar que tais termos nomeiem a verdadeira relação que entre esses elementos o chamado *possessivo* estabelece.” Castilho (2010, p. 501-2) também afirma que a relação de posse ocorre apenas em poucos casos; há outras relações estabelecidas entre “a pessoa gramatical do possuidor e a coisa possuída”. Perini (2010) também ressalta os diversos vínculos expressos pelo possessivo. Quando trata dos possessivos na sua *Gramática do Português Brasileiro*, afirma o seguinte:

As palavras *meu*, *seu* e *nosso* são chamadas possessivos, tirando esse nome de seu significado mais típico. Mas elas são capazes de veicular outros papéis temáticos além do de Possuidor: [...] Meu carro (Possuidor); [...] Minha decisão (Agente); [...] O seu livro (Autor, ou Possuidor); [...] O meu espancamento (Paciente); [...] (PERINI, 2010, p. 305).

Azeredo (2010, p. 250), em sua *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, considera que há vários sentidos que tipificam a relação que o possessivo estabelece, tais como: *posse* (*meu relógio*, isto é, ‘o relógio que me pertence’), *origem* (*nosso cidade*, isto é, ‘a cidade em que vivemos’), *uso* (*minha sala*, isto é, ‘a sala em que estudo’), *meu ônibus*, isto é, ‘o ônibus que costumo pegar’), *parentesco* (*meus tios*), *autoria* (*meu discurso*, isto é, ‘o discurso que proferi’); *teus quadros*, isto é, ‘os quadros que tu pintas’), entre outros.

que actualiza e as pessoas envolvidas no processo da comunicação: E (emissor), R (receptor), nem E nem R.” (MATTOS E SILVA, 1989, p. 173-4).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

Considera-se, assim, que há diversos sentidos relacionais os quais perpassam o vínculo que o possessivo estabelece entre possuidor e possuído, e que, muitas vezes, encontra-se além da relação de posse, do ponto de vista estrito, qual seja de “propriedade”.

4. OS POSSESSIVOS NAS GRAMÁTICAS DO SÉCULO XIX

No século XIX, predominaram as gramáticas gerais e filosóficas, sobretudo na primeira metade do século, embora estas ainda ultrapassassem esse período, haja vista a *Grammatica Portuguesa Philosophica* de Carneiro Ribeiro, publicada em 1881. Já as científicas começaram a ser produzidas na segunda metade do século, sendo marco dessas gramáticas a de Júlio Ribeiro, de 1881.

Serão tomadas algumas gramáticas do século XIX, com o objetivo de se verificar o tratamento que é dado aos possessivos, identificando-se o padrão normativo que era objeto de ensino, e que, também, por hipótese, servia de modelo para a escrita dos professores. A seleção das gramáticas obedeceu ao critério de terem sido utilizadas no sistema de ensino. Inicia-se com a gramática do português Jerônimo Soares Barbosa, *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*: ou dos princípios da gramática geral aplicados à nossa linguagem, elaborada na transição dos séculos XVIII e XIX e publicada postumamente em 1822, servindo de modelo inspirador para a produção de gramáticas tanto portuguesas quanto brasileiras do século XIX. Seguem-se outras gramáticas que tiveram grande circulação no sistema público de ensino baiano, no século XIX: a de Ernesto Carneiro Ribeiro, a de Bernardino Affonso Martagão, a de Hilário Ribeiro e a de Latino Coelho.

Na gramática de Jerônimo Soares Barbosa (1822, p. 109), os pronomes são considerados na classe dos nomes Adjetivos: “Constituindo pois os Adjectivos huma especie elementar de palavras, distincta da dos nomes Substantivos; he fácil reduzir a ella os *Pronomes*, o *Artigo*, e os *Partitivos*”. Os adjetivos são identificados como determinativos, explicativos e restritivos. Os adjetivos determinativos se dividem em determinativos de

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

qualidade e de quantidade. Os de qualidade se subdividem em gerais e especiais. Os gerais são os artigos; os especiais são os pessoais e os locais (demonstrativos). (p.143). Exemplo: “Quando digo: *Hum de meus irmãos*; o Adjectivo *Meus* determina o Appellativo *Irmãos* pela qualidade de me pertencerem; e o Adjectivo *Hum* determina o mesmo pela quantidade numérica de hum entre outros” (p. 142).

Quando Soares Barbosa trata dos determinativos pessoais, divide-os em primitivos e derivados (p. 151). São onze determinativos pessoais: desses, seis são primitivos: *eu, tu, ele, nós, vós, eles*; e cinco são derivados, os possessivos. Chama atenção para o fato de que os pronomes pessoais primitivos são os únicos que têm declinação, e casos por consequência. O autor faz “Observações sobre os Determinativos Pessoaes Dirivados”: “Estes Pessoaes Dirivados são, como seus primitivos, huns adjectivos determinativos. Os Pessoaes dirivados tem duas relações e dous objectos, hum da pessoa a quem se referem, e outro da couza, que lhe fazem pertencer” (p. 158).

Soares Barbosa discrimina os possessivos, fazendo a relação com os pessoais, dos quais se derivam, e apresenta exemplos: “[...] se falo dos habitantes de Portugal digo igualmente bem *Seu paiz he fértil*, como se falando do seu Rei, disser *Seu reino he rico*” (BARBOSA, 1822, p.159).

Na *Grammatica Portugueza Philosophica* de Ernesto Carneiro Ribeiro, publicada em 1881, os possessivos estão na classe dos adjectivos. Quanto aos pronomes, observe-se o que diz o gramático: “Vê-se, portanto, que só merecem o nome de pronomes os que os grammaticos denominão pessoaes, a que chamaremos simplesmente pronomes” (p. 174). Considera completamente falsa a distinção entre pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos, pois os considera adjectivos. (p. 175). Sobre os adjectivos possessivos, diz:

Os adjectivos possessivos determinão os indivíduos, ajunctando uma idéia precisa de pertença ou dependência relativa á primeira, á segunda ou á terceira pessoa. São: ‘meo, minha, meos, minhas; teo, tua, teos, tuas; seo, suas, seos, suas; nosso, nossa, nossos, nossas; vosso, vossa, vossos, vossas (RIBEIRO, 1881, p. 222).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

E mais adiante, complementa:

Estes adjectivos se derivão dos pronomes.

Meo, minha, significa de mim, pertencente a mim: meo livro, meo pae, minha mãe, meo filho, minhas flores. [...]

Seo, sua, delle, della, delles, dellas, pertencente a elle, a ella, a elles, a ellas: *seo livro, seo pae, sua mãe, seos filhos, suas flores.*

Ao adjectivo possessivo seo, sua, seos, suas ajunctão alguns as variações pronominas delle, della, delles, dellas, quando do emprego do possessivo resulta algum equívoco, dizendo: seo livro delle, seos livros delles, sua casa delle, sua casa delles, sua casa dellas.

Taes modos de dizer, ainda que são encontrados em muitos de nossos clássicos, se devem evitar, dando-se outra feição á phrase.

Em alguns casos tem estas locuções manifestos de ressaibos e vulgarismo (RIBEIRO, 1881, p. 241).

Observe-se, na ressalva de Carneiro Ribeiro, sobre o uso das duas formas “seu” e “dele”. Usadas conjuntamente, como reforço, somente devem ocorrer no caso de algum equívoco, mas segundo o autor, devem ser evitadas.

As gramáticas que seguem foram adotadas nas escolas primárias públicas baianas.

A gramática de Hilário Ribeiro, *Grammatica Elementar e Lições Progressivas de Composição*, edição revista por Olavo Bilac (1907 – a 1ª edição é de 1883), concebe o pronome na classe dos adjectivos. O adjectivo divide-se em qualificativo e determinativo. O adjectivo determinativo divide-se em quatro espécies: possessivos, demonstrativos, numerais e indefinidos e são assim apresentados: “‘Meu livro, Tua casa, Este papel, Quatro cavallos, Nosso pae’ – as palavras *meu, teu, este, quatro, nosso* dizem-se Adjectivos determinativos, porque particularisam os nomes a que se juntam” (p.25).

Além dos pronomes pessoais, há ainda os demonstrativos, possessivos, conjunctivos e indefinidos. Para o autor, “São pronomes possessivos todos os adjectivos possessivos” (p. 71-72). Em seguida, tece as seguintes observações:

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

1º Os adjectivos ‘possessivos’, ‘demonstrativos’, ‘indefinidos’ distinguem-se dos ‘pronomes possessivos’, ‘demonstrativos’ e ‘indefinidos’ deste modo: São adjectivos quando estão juntos aos substantivos, e pronomes quando substituem os nomes e acompanham os verbos.

A gramática de Bernardino Affonso Martagão, *Compendio Rudimental de Grammatica da Lingua Portuguesa* (1880), começou a ser usada em escolas na Bahia, antes dessa data, que é da 2ª edição. No Relatório da Diretoria da Instrução Pública, datado de 1861, que se refere ao estado das aulas públicas primárias durante o ano de 1860, há o parecer da visita do Inspetor Geral de Escolas, Antonio Eusébio Gonçalves de Almeida, à escola pública de meninas de Florinda Moreira dos Santos, frequentada por 72 alunas. Ao descrever o estado das aulas públicas primárias da escola, e fazer outras considerações, Eusébio informa que, na sexta série primária, a gramática usada é a de Martagão.

Nessa gramática, os pronomes estão na classe dos adjetivos. Os adjetivos são ou determinativos, ou qualificativos (p. 14). Fazem parte dos determinativos os artigos e os pronomes. “Os Pronomes são ou Pessoaes, ou Possessivos, ou Relativos, ou Demonstrativos”. “Os Possessivos são os que indicam a posse de alguma cousa, como: Meu, Teu, Seu, Nosso, Vosso” (p. 15).

A gramática de José Maria Latino Coelho, *Grammatica da Lingua Portuguesa* (1862), consta da lista dos livros aprovados e adotados pelo governo, na década de 70, e que estavam em circulação nas escolas primárias de toda a província, para servirem ao ensino da língua portuguesa. Essa gramática continuou a ser adotada nos decênios seguintes, nas esco-

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

las da província, conforme atestam as Fallas de Presidentes da Província e Relatórios de Diretores da Instrução Pública.

No capítulo 1, que trata do substantivo, há um tópico referente aos pronomes pessoais. No capítulo 2, que trata dos adjetivos, há um tópico referente ao adjetivo pronominal:

Adjectivo pronominal é aquelle que determina o substantivo, referindo-o às pessoas grammaticaes.

Os adjectivos pronominaes dividem-se em possessivos, demonstrativos e relativos.

Os possessivos exprimem a idéia de posse referida às pessoas grammaticaes. Meu livro, Teu livro etc. (COELHO, 1862).

O que se observa em todas essas gramáticas é o fato de os pronomes possessivos pertencerem à classe dos adjetivos determinativos. Do ponto de vista semântico, a referência feita é quanto à expressão de posse, de pertencimento, de dependência. Quanto ao paradigma, esse é o tradicional, sendo *seu, sua, seus, suas*, pronomes adjetivos de terceira pessoa. Destaca-se, entretanto, o que apresenta Carneiro Ribeiro. Este cita o *delle, della, delles, dellas*, como reforço dos pronomes de terceira pessoa, para evitar equívocos, mesmo assim adverte que essas construções devem ser evitadas.

5. OS POSSESSIVOS NAS CORRESPONDÊNCIAS DOS PROFESSORES PRIMÁRIOS

O *corpus* que possibilitou fazer o levantamento do fenômeno linguístico – possessivos de terceira pessoa – se constitui de um conjunto de correspondências escritas por professores primários da Bahia e destinadas aos diretores da Instrução Pública.¹⁴ As correspondências levantadas recobrem o período de 1850 a 1889 e abordam assuntos relacionados ao funcionamento das aulas, bem como à situação dos alunos e dos professores.

¹⁴ As correspondências encontram-se disponíveis no Arquivo Público do Estado da Bahia, Seção Colonial, Fundo Instrução Pública, maços 6526-6581.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

A seleção desse *corpus*, como representativo da escrita da época, se justifica na medida em que tais documentos registram a escrita formal dos professores, embora estes possam não representar categoricamente sujeitos plenamente escolarizados, em função de sua precária formação, em alguns casos.

Dessas correspondências, consideraram-se, para a pesquisa, apenas as que apresentaram o fenômeno linguístico em estudo. Foram levantados 384 documentos. Neles, foram identificadas 601 ocorrências de possessivos de terceira pessoa. Os possessivos de terceira pessoa que foram identificados no *corpus* são *seu* e flexões e *dele* e flexões. No que se refere à grafia, esses possessivos são assim apresentados:

Quadro 6: Grafia dos possessivos registrada no *corpus*

SEU	seo	sêo	seu	seos	sêos	Seus	sua			suas		
DELE	d'ell	dele		d'elles	deles		d'ell	della	dela	d'ellas	dellas	dela
	e						a					

Fonte: APBa. Seção Colonial. Fundo Instrução Pública. Maços 6526-6581.

Sobre a quantidade de ocorrências dos possessivos de terceira pessoa no *corpus*, considerando-se a variação no seu uso ao longo do período em estudo (anos 50 a 80 do século XIX), pode-se ver na tabela 2, a seguir:

Tabela 2 – Uso do *seu* e *dele* nas correspondências / segunda metade do século XIX

PERÍODO	SEU	%	DELE	%	TOTAL
Anos 50	136	87,2	20	12,8	156
Anos 60	143	87,7	20	12,3	163
Anos 70	148	91,4	14	8,6	162
Anos 80	112	93,3	08	6,7	120
TOTAL	539	89,7	62	10,3	601

Fonte: APBa. Seção Colonial. Fundo Instrução Pública. Maços 6526-6581.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

Observa-se na tabela 2 que a frequência maior de usos do possessivo de terceira pessoa foi da variante padrão (*seu*) com 89,7% de ocorrências, em detrimento da variante *dele*, que ocorreu somente 10,3% em todo o *corpus*. Vale ressaltar, entretanto, que, ao se observarem as ocorrências ao longo das quatro décadas, identifica-se um crescimento nos usos da variante padrão, *seu* (de 87,2% de ocorrências nos anos 50 passa para 93,3% nos anos 80), e uma consequente redução na frequência de uso da variante *dele* (nos anos 50 registram-se 12,8% de usos, mas nos anos 80 esse índice cai para 6,7%). É possível inferir desses dados que, por força da padronização linguística intensificada na segunda metade do século XIX e pelo acesso aos instrumentos produzidos para esse fim, como as gramáticas, esses professores tenham sido condicionados, paulatinamente, a usar a variante padrão em contextos mais formais.

Para identificar os contextos que condicionaram o uso de uma ou outra forma, optou-se por selecionar duas variáveis linguísticas. A primeira variável se refere à pessoa, buscando-se identificar se ao usar o *seu*, o falante estava se referindo ao seu interlocutor (P2) ou a uma terceira pessoa (P3). A segunda variável diz respeito ao traço [+/-humano] do referente, considerando-se que, conforme identificado por Oliveira e Silva (1991) nos *corpora* de sua pesquisa – séculos XVII ao XIX, o traço [+humano] favorecia o uso da forma *seu*; sendo o *dele* mais frequente para objetos.

Dessa forma, considerou-se, em primeira instância, a referência do possessivo à pessoa do discurso, observando-se se o referente era uma terceira pessoa ou se era o próprio interlocutor. A seguir, observam-se trechos em que o referente é uma terceira pessoa:

- (1) Já me não sendo mister, ou não de tanta urgência **a licença de trez dias** que requeri [...];
[...] comunico a VS^a p^a q^c se digne mandar sustar ***seus efeitos***. (Zacharias Nunes da S^a Freire. Professor em Itapagipe, 16/10/1861).
- (2) [...] Apenas espalhada n'**esta localidade** a noticia de minha remoção ***os pais de familias d'ella*** reunirão-se e unanimemente apresentarão-me o abaixo assignado [...] (Antonio

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

Francisco de Carvalho. Professor da Aula Publica Primaria do Arraial do Brejo Grande, em Campo-Largo, 12/10/1880).

Com o referente sendo o próprio interlocutor, identificaram-se construções do tipo:

- (3) [...] communico a **VE^{xa} Rv^{ma}** p^a *sua sciencia*, q' terminei o exercicio d'aquela Cad^{ra} no dia 29 do mez passado [...]. (Manoel Pereira Rego. Professor da Aula pública de Ouriçangas, 15/03/1880).

Observou-se, também, se o fato de o referente possuir o traço [+humano] condicionaria a seleção da variante *dele*. Na sequência estão alguns trechos em que o referente possui o traço [+humano]:

- (4) [...] como **os mestres** tem direito de esperar de **seus discípulos**, assim o fiz [...]. (Maria Carolina Gomes. Professora Substituta - Bahia, 20/12/1870).
- (5) Sendo demaziada a falta de livros, p^a á eschola á meu cargo [...] e causando esta falta o atrazo em **alguns alumnos** que sendo pobres não podem remedial-a. Assim peço a VEx^a Rv^{ma} para providenciar *em favor d'elles*, e a bem da instrucção desta Villa [...] (Luiz Antonio de Araújo. Professor Publico de Maracás, 04/08/1880).

E para o caso de o referente possuir traço [-humano], seguem-se alguns exemplos:

- (6) [...] É de tão palpitante necessidade a falta **daquelles objetos** a essa aula que, para *seu próprio fornecimento*, invoco o bem notório zelo de VS^a pela instrucção popular. [...] (Manuel Florencio do Espírito Sancto. Bahia, 09/04/1861).
- (7) [...] para [...] reger **a cadeira de 1^{as} letras desta Povoação**, me dirigi *ao professor d'ella*, e efectuei a posse [...]. (Manoel Eloi Pontes. Professor primario da Povoação do Rio Vermelho, 15/04/1853).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

(8) Sendo de grande precisão á Aula sob minha direção **os objectos constantes da relação junta**, me dirijo a VS^a pedindo **o provimento d’elles**. (Ricardo Dutra de Andrade. Professor da Aula Publica de Curato da Sé, 02/05/1861).

Apresenta-se, a seguir, uma tabela que registra a frequência de uso da variante padrão (*seu*) e da não-padrão (*dele*), de acordo com os traços dos referentes identificados como variáveis, a saber: a) [+/- interlocutor] e b) [+/-humano].

Tabela 3 – Uso de possessivos x traços dos referentes

VARIÁVEIS	POSSESSIVOS				SUBTOTAL	TOTAL
	SEU	%	DELE	%		
[-interlocutor] = P3	539	89,7	62	10,3	601	
[+interlocutor] = P2	145	100	--	--	145	746
[+humano]	429	96,4	16	3,6	445	
[-humano]	110	70,5	46	29,5	156	601

Fonte: APBa. Seção Colonial. Fundo Instrução Pública. Maços 6526-6581.

Registra-se o uso categórico do possessivo *seu* para a segunda pessoa (o interlocutor), conforme a tabela 3. No caso do uso das formas possessivas tendo como referente a terceira pessoa, observou-se que o traço [+humano] favoreceu o uso da forma *seu*. Das 62 ocorrências da forma *dele* nas correspondências, identificou-se que tal forma foi usada preferencialmente referindo-se a objetos; as que foram identificadas com referentes com traço [+humano], em geral se referiam a “aluno/a” ou “alunos/as” ou “crianças”; apenas em duas ocorrências identificou-se um referente adulto (um comissário; um professor primário). Nesse caso, vale uma investigação, no sentido de se levantar a concepção de “alunos” e “crianças” no período em estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

Diante do exposto, é possível traçar algumas considerações em relação ao fenômeno em estudo. Em primeiro lugar, observou-se, nas gramáticas do século XIX, que os possessivos são classificados como adjetivos determinativos e, do ponto de vista semântico, a referência feita é quanto à expressão de posse, de pertencimento. O paradigma dos possessivos apresentados nessas gramáticas é o tradicional, sendo *seu, sua, seus, suas*, pronomes adjetivos de terceira pessoa. Entretanto, embora as gramáticas prescrevam o uso da forma *seu* e flexões apenas para a terceira pessoa, identificou-se nas correspondências o uso dessa forma também para a segunda pessoa (cf. Tabela 3), quando o emissor dirige-se diretamente ao interlocutor, no caso, sempre uma autoridade, conforme exemplo (3).

É possível constatar que a normativização linguística teve um papel no uso dos possessivos de terceira pessoa pelos professores, na medida em que se verificou um aumento do uso da variante padrão (*seu*), ao tempo em que se observou a redução da variante não-padrão (*dele*) no período compreendido entre os anos 50 e 80 do século em estudo (cf. Tabela 2). Isso fica mais claro, se forem considerados os dados da pesquisa de Oliveira e Silva (1982), nos quais foi identificado um aumento no uso da forma *dele*, entre os séculos XVII e XIX (cf. Tabela 1). Também a variante *dele* é utilizada num sentido pleno, não mais como reforço, para estabelecer a relação entre possuidor e possuído. Constatou-se, também, que a ocorrência da variante *dele* e flexões foi maior quando o referente possuía o traço [-humano] (cf. Tabela 3), dado semelhante ao que foi apresentado por Oliveira e Silva (1982). Esse aspecto é interessante, tendo em vista que o traço [-humano] não corresponde, do ponto de vista semântico, a uma pessoa, e o pronome que se refere à não-pessoa é o *ele*, anafórico por natureza, daí que, nesse caso, a forma *dele* se colocou como opção mais clara para os professores, autores das correspondências.

REFERÊNCIAS

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

ABRAÇADO, Jussara. O possessivo *seu* – diferentes tipos de ambiguidade e de posse. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 193-203, 2º semestre, 2000.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Latina*: curso único e completo. 26ªed. São Paulo: Saraiva, 1995.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. rev. e ampl. 15ª reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CERQUEIRA, Vicente Cruz. *A sintaxe do possessivo no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 1996.

CERQUEIRA, Vicente Cruz . *A sintaxe do possessivo no português brasileiro*. São Carlos, SP: Claraluz, 2008.

COELHO, J. M. Latino. *Gramática da língua portuguesa*. Salvador: Typographia da Bahia, 1862.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2009.

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. A implementação do possessivo “dele” na língua portuguesa. *Veredas on line – atemática*, Juiz de Fora, n. 1, 2010, p. 20-35. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/ARTIGO-2.pdf>. Acesso em: 15/07/2010.

MARTAGÃO, Bernardino Affonso. *Compendio Rudimental de Grammatica da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Bahia: Typographia De Gama e Filho, 1880.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. (Série Universitária), 1989.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOSO CÂMARA JR. Joaquim. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. *O processo de redobramento sintático no português medieval: a formação das perífrases com estar*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2005.

MULLER, Ana Lúcia de Paula. A lógica subjacente à variação entre as formas possessivas de terceira pessoa: seu versus dele. *Revista da ANPOLL*, Niterói, n. 3, p. 11-32, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. Possessivos. In: CASTILHO, Ataliba T. (org.). *Gramática do português falado*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. V.3 – As abordagens, 2002. p. 149-211. (Série Pesquisas)

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Variável linguística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical. *Revista DELTA*, São Paulo, v.3, n.1, p. 19-34, fev, 1987.

PENNA, Heloísa Maria Moraes Moreira. O emprego do *ele*-acusativo do português brasileiro ao latim. In: COHEN, M.A. e RAMOS, J. *Dialeto mineiro e outras falas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG. 2002. p. 67-81.

PERINI, Mário. O surgimento do sistema possessivo do Português coloquial: uma interpretação funcional. *Revista DELTA*, São Paulo, v. I, n. 1 e 2, p. 1-16, ago, 1985.

PERINI, Mário. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Grammatica portugueza philosophica*. Brazil. Bahia. Salvador: Imprensa Econômica, 1881.

RIBEIRO, Hilário. *Grammatica elementar e lições progressivas de composição*. Edição revista por Olavo Bilac. H. Garnier Livreiro Editor, 1883.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. Gramaticalização de “você”: um processo de perda de informação semântica? *Revista Filologia e Lingüística Portuguesa*. São Paulo: Humanitas, n. 3, p. 55-63, 1999.